

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE DIVERSIDADE, INCLUSÃO E PERTENCIMENTO

Emilly Andressa da Silva Tomadon¹; **Mariana da Silva Tomadon**²

¹Professora, Secretaria Municipal de Educação, Sinop – MT/Brasil.

emillyandressatomadon@gmail.com

² Doutoranda em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres – MT/Brasil.

Mariana.tomadon@unemat.br

Resumo

Este artigo analisa a Educação Infantil como uma etapa fundamental para a formação integral da criança, atuando como um espaço privilegiado para a promoção da diversidade, inclusão e pertencimento. O objetivo principal da pesquisa é investigar como as práticas pedagógicas voltadas para crianças de seis anos podem favorecer o reconhecimento das múltiplas identidades infantis e o fortalecimento de vínculos sociais. A metodologia adotada caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, fundamentada na observação e análise de práticas docentes, registradas por meio de produções visuais e exposições pedagógicas. O referencial teórico apoia-se nas diretrizes da BNCC (2017), que preconiza a interação e a convivência como eixos estruturantes, e em autores como Vygotsky (1998), Freire (1996) e Mantoan (2003), que destacam a importância da mediação social, da autonomia e do compromisso ético com todas as infâncias. Os resultados e discussões evidenciam que atividades que integram arte, linguagem e ludicidade, como o trabalho com o livro "O Monstro das Cores", a criação de autorretratos e a construção da árvore genealógica, permitem que as crianças expressem emoções, reconheçam suas características físicas e valorizem as diferentes configurações familiares. Conclui-se que a Educação Infantil, ao promover experiências pedagógicas intencionais e sensíveis, reafirma seu papel na construção de uma cultura de respeito e acolhimento, permitindo que cada criança se reconheça como sujeito singular e membro ativo de uma coletividade democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Inclusão. Diversidade. Identidade. Práticas Pedagógicas.

Introdução

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, possui papel central na formação integral da criança, sendo responsável por promover experiências que articulem cuidado, educação, interação e aprendizagem. Nesse contexto, a escola configura-se como um espaço privilegiado para o reconhecimento das diferenças, a construção da identidade e o fortalecimento do sentimento de pertencimento, aspectos fundamentais para o desenvolvimento humano desde a infância.

As discussões sobre diversidade e inclusão no campo educacional têm se intensificado nas últimas décadas, especialmente diante da ampliação do acesso à educação e do reconhecimento das múltiplas infâncias presentes no espaço escolar. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), é dever das instituições educativas assegurar condições para que todas as crianças tenham garantido o direito à aprendizagem, respeitando suas singularidades culturais, sociais, étnicas e familiares.

A diversidade manifesta-se de diferentes formas no cotidiano da Educação Infantil: nas identidades das crianças, nas configurações familiares, nas formas de expressão, nas vivências culturais e nos modos de aprender. Nesse sentido, a escola deve assumir uma postura pedagógica que reconheça essas diferenças como elementos constitutivos do processo educativo, promovendo práticas inclusivas que favoreçam a participação, o respeito e a valorização de cada sujeito (Kishimoto, 2010).

A motivação para o desenvolvimento deste artigo surge da prática docente na Educação Infantil e da necessidade de refletir sobre experiências pedagógicas que abordam a diversidade de maneira concreta, sensível e intencional. As atividades desenvolvidas com crianças de seis anos evidenciam possibilidades de trabalho que integram arte, linguagem, expressão corporal e identidade, contribuindo para a construção de um ambiente educativo mais inclusivo e democrático.

Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada na observação e análise de práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma da Educação Infantil. As atividades analisadas foram registradas por meio de produções visuais e exposições pedagógicas, possibilitando a reflexão sobre os processos de aprendizagem e as relações estabelecidas pelas crianças no contexto escolar.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar como a Educação Infantil pode se constituir como um espaço de diversidade, inclusão e pertencimento, a partir da descrição e reflexão sobre práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças de seis anos, evidenciando o papel da escola na formação integral e no reconhecimento das múltiplas identidades infantis.

1. Diversidade e inclusão na Educação Infantil

A diversidade é um elemento constitutivo da Educação Infantil, pois as crianças chegam à escola carregando diferentes histórias de vida, culturas, identidades, experiências familiares, emoções e modos de interação com o mundo. Reconhecer essa pluralidade é um pressuposto fundamental para a construção de práticas pedagógicas inclusivas, que garantam não apenas o acesso à escola, mas a participação efetiva e o direito à aprendizagem de todas as crianças (Mantoan, 2003).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que a Educação Infantil deve assegurar experiências que promovam o respeito às diferenças, a valorização das identidades e a convivência democrática, reconhecendo as crianças como sujeitos históricos, sociais e de direitos (Brasil, 2017). Nessa perspectiva, a inclusão ultrapassa a ideia restrita de atendimento às crianças com deficiência e passa a ser compreendida como um compromisso ético e pedagógico com todas as infâncias.

Candau (2012) defende que uma educação comprometida com a diversidade precisa enfrentar preconceitos, desigualdades e exclusões presentes na sociedade, promovendo práticas que valorizem o diálogo intercultural e o respeito às diferenças. Na Educação Infantil, esse trabalho ocorre de forma cotidiana, nas interações, nas brincadeiras, nas linguagens expressivas e nas relações estabelecidas entre crianças, professores e famílias.

No contexto das práticas analisadas, a diversidade foi abordada de maneira transversal, integrando as propostas pedagógicas ao cotidiano da turma. As atividades não buscaram homogeneizar comportamentos ou produções, mas valorizar as diferentes formas de expressão, participação e aprendizagem das crianças. Essa postura pedagógica contribui para a construção de um ambiente acolhedor, no qual cada criança se reconhece como parte do grupo e se sente respeitada em sua singularidade.

2. Práticas pedagógicas e expressão da identidade infantil

As práticas pedagógicas desenvolvidas com a turma evidenciam a importância da arte como linguagem fundamental na Educação Infantil. A proposta inspirada na obra O Monstro das Cores possibilitou que as crianças explorassem emoções como alegria, tristeza, medo e raiva, utilizando cores, texturas e materiais diversos. Essa atividade favoreceu a expressão de sentimentos de maneira simbólica, respeitando os tempos, escolhas e modos de representação de cada criança.

Segundo Barbosa (2008), a arte na Educação Infantil não deve ser compreendida apenas como produto final, mas como processo de criação, experimentação e expressão. Ao trabalhar com diferentes materiais e linguagens, a criança amplia suas possibilidades de comunicação e desenvolve a sensibilidade estética, a criatividade e a autonomia. As produções analisadas demonstram que cada criança expressou suas emoções de forma singular, reafirmando que não existe um padrão único de aprendizagem ou expressão.

As atividades de autorretrato também se destacaram como importantes instrumentos de construção da identidade infantil. Por meio de fotografias, recortes, desenhos e pinturas, as crianças foram convidadas a observar a si mesmas, reconhecer suas características físicas e expressar como se percebem. Oliveira (2011) afirma que propostas dessa natureza contribuem para o fortalecimento da autoestima e para o reconhecimento da criança como sujeito único, favorecendo o desenvolvimento da identidade pessoal e social.

Além disso, ao compartilhar seus autorretratos com o grupo, as crianças puderam perceber semelhanças e diferenças entre si, aprendendo a respeitar e valorizar a diversidade presente na turma. Essas experiências reforçam o papel da Educação Infantil como espaço de construção de sentidos, no qual a criança aprende sobre si, sobre o outro e sobre o coletivo.

A construção da identidade na Educação Infantil pode ser compreendida a partir das experiências vivenciadas pela criança nas interações sociais, especialmente por meio do brincar e das brincadeiras. De acordo com Konrath e Schemes (2018), a identidade pessoal e social da criança constitui-se em um processo contínuo de significação, no qual o brincar ocupa lugar central. Para as autoras, é nas situações lúdicas que a criança experimenta papéis, elabora sentimentos, internaliza normas sociais e constrói percepções sobre si mesma e sobre o outro.

O brincar, nessa perspectiva, não se reduz a um objeto material, mas configura-se como mediador simbólico das relações sociais. Ao brincar, a criança atribui significados, recria situações do cotidiano, expressa desejos, conflitos e emoções, exercitando sua imaginação e ampliando sua compreensão do mundo social. Assim, o brincar torna-se espaço privilegiado para o desenvolvimento da identidade pessoal, pois permite que a criança explore suas preferências, capacidades e modos próprios de agir.

Além da dimensão individual, Konrath e Schemes (2018) ressaltam que as brincadeiras favorecem a construção da identidade social, uma vez que envolvem regras, negociações, cooperação e reconhecimento do outro. Nas interações lúdicas, a criança aprende a compartilhar, esperar sua vez, respeitar limites e lidar com frustrações.

internalizando valores e normas que organizam a vida coletiva. Desse modo, o brincar contribui para a formação do sentimento de pertencimento ao grupo, elemento essencial para a constituição da identidade social.

Na Educação Infantil, quando o professor reconhece o brincar como eixo estruturante da prática pedagógica, cria condições para que as crianças se expressem de maneira autêntica e significativa. As propostas que valorizam o faz de conta, os jogos simbólicos e as brincadeiras coletivas ampliam as possibilidades de interação e fortalecem vínculos entre as crianças. Conforme apontam as autoras, o ambiente escolar deve oportunizar experiências lúdicas diversificadas, que respeitem as singularidades e promovam a inclusão de todos.

Ao relacionar essa compreensão com as práticas desenvolvidas na turma analisada, observa-se que atividades como dramatizações, explorações artísticas e momentos de brincadeira orientada favoreceram a expressão de sentimentos e a construção de narrativas pessoais. Nessas situações, as crianças puderam assumir diferentes papéis, experimentar identidades e refletir sobre suas próprias características, ao mesmo tempo em que reconheciam as diferenças presentes no grupo.

Portanto, à luz de Konrath e Schemes (2018), o brinquedo e as brincadeiras constituem-se como elementos fundamentais na formação da identidade pessoal e social da criança. Ao promover experiências lúdicas intencionais e inclusivas, a Educação Infantil reafirma seu compromisso com o desenvolvimento integral, possibilitando que cada criança se reconheça como sujeito singular e membro ativo de uma coletividade diversa.

3. Configurações familiares e sentimento de pertencimento

A construção da árvore genealógica constituiu-se como uma prática pedagógica significativa para o reconhecimento das diferentes configurações familiares presentes na turma. Ao trazer fotos, relatos e representações de suas famílias, as crianças puderam compartilhar suas histórias, ampliando a compreensão sobre a diversidade de arranjos familiares existentes na sociedade contemporânea.

Sarmiento (2013) ressalta que a escola precisa reconhecer e acolher as múltiplas formas de organização familiar, evitando práticas pedagógicas que reforcem modelos únicos ou excludentes. Na Educação Infantil, esse reconhecimento contribui para a construção de vínculos afetivos mais sólidos e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento das crianças ao espaço escolar.

A exposição das produções no ambiente da sala de aula e nos espaços coletivos da escola teve papel fundamental nesse processo. Tornar visíveis as produções infantis é uma forma de reconhecer a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem e de valorizar suas experiências (Rinaldi, 2012). Ao se verem representadas, as crianças se sentiram pertencentes ao grupo e reconhecidas em sua identidade.

Essas práticas também favoreceram o diálogo entre escola e família, fortalecendo a parceria educativa e ampliando a compreensão de que a diversidade familiar é parte constitutiva da realidade das crianças. Assim, o trabalho com as configurações familiares contribuiu para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e democrático.

4. Interações, convivência e formação integral

As atividades coletivas desenvolvidas, como desenhos livres, produções em grupo e momentos de socialização das produções, favoreceram o desenvolvimento das interações sociais e da convivência entre as crianças. Nessas propostas, as crianças foram instigadas a compartilhar materiais, respeitar o tempo do outro, escutar diferentes opiniões e valorizar as produções dos colegas.

Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais, sendo o outro um mediador essencial do processo de aprendizagem. Na Educação Infantil, essas interações assumem papel central, pois é por meio delas que as crianças constroem conhecimentos, valores e habilidades socioemocionais.

Atividade 1: Construção da árvore genealógica em conjunto à família.



Fonte: Arquivo próprio

Atividade 2: Atividade de identidade em conjunto com a turma.



Fonte: Arquivo próprio

Atividade 3: Reconto da história “O monstro das cores”.



Fonte: Arquivo próprio

Atividade 4: Atividade de autorretrato com simetria.



Fonte: Arquivo próprio

As práticas analisadas evidenciam que a formação integral das crianças não se limita ao desenvolvimento cognitivo, mas envolve aspectos emocionais, sociais, culturais e éticos. Ao vivenciar experiências coletivas, as crianças aprendem a conviver com as diferenças, a resolver conflitos, a cooperar e a desenvolver empatia, competências fundamentais para a vida em sociedade.

A BNCC (2017) foca em cinco campos de experiências, onde a interação e convivência são fundamentais, como:

1. O eu, o outro e o nós: Foca na construção da identidade, autonomia, empatia e relações sociais.
2. Corpo, gesto e movimentos: Explora a expressão corporal, sensorial e motora, permitindo que a criança conheça seu corpo e se expresse através dele.
3. Traços, sons, cores e formas: Promove o contato diversas manifestações artísticas, culturais e científicas, instigando a criatividade e a sensibilidade estética.
4. Escuta, fala, pensamento e imaginação: Desenvolve a linguagem oral, a escuta, a criatividade e a iniciação ao universo da escrita e da literatura.
5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: Estimula a curiosidade sobre o mundo físico e natural, incluindo noções de matemática, tempo, espaço e relações de causa e efeito.

A formação integral na Educação Infantil pressupõe compreender a criança em sua totalidade, considerando suas dimensões cognitivas, afetivas, sociais, culturais e éticas. Nessa perspectiva, Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia*, afirma que ensinar exige o reconhecimento da autonomia do educando e o respeito aos seus saberes. Para o autor, a prática educativa deve estar fundamentada no diálogo, na ética e na valorização da experiência dos sujeitos, pois “não há docência sem discência” (Freire, 1996), evidenciando que o processo educativo se constrói na relação entre educador e educando.

Freire (1996) também destaca que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção, o que implica considerar a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Essa compreensão amplia o olhar sobre a Educação Infantil, deslocando o foco de uma formação meramente conteudista para uma perspectiva que prioriza o desenvolvimento integral e o protagonismo infantil.

Essa concepção dialoga com as reflexões de Costa, Lourenço e Vasconcelos (2024), as autoras defendem que o desenvolvimento integral na infância ultrapassa a aquisição de habilidades específicas e envolve a constituição da identidade, das relações sociais e da

autonomia da criança. Segundo as autoras, a formação integral requer práticas pedagógicas que considerem a criança como sujeito de direitos, inserida em contextos sociais e culturais que influenciam sua aprendizagem.

Costa, Lourenço e Vasconcelos (2024) ressaltam ainda que a Educação Infantil deve promover experiências significativas que articulem cuidado, educação e interação, favorecendo a construção da autonomia e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Tal perspectiva reforça a compreensão freiriana de que a prática educativa é um ato político e ético, comprometido com a formação de sujeitos críticos, participativos e conscientes de sua inserção no mundo.

Nesse sentido, a Educação Infantil configura-se como um espaço privilegiado para a construção de uma cultura de respeito, inclusão e pertencimento. As experiências pedagógicas analisadas demonstram que, quando planejadas com intencionalidade e sensibilidade, as práticas educativas contribuem para a formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente participativos.

Consideração Final

A análise das práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças de seis anos permite concluir que a Educação Infantil se consolida como um espaço primordial para a promoção da diversidade, inclusão e pertencimento. A pesquisa evidencia que, por meio de experiências intencionais e sensíveis, a escola cumpre seu papel na formação integral do sujeito, indo além do desenvolvimento cognitivo e abrangendo dimensões emocionais, sociais e éticas.

O referencial teórico, apoiado em autores como Vygotsky, Freire e nas diretrizes da BNCC, reforça que a interação e a convivência constituem eixos estruturantes desse processo. A mediação docente, pautada no diálogo e no respeito à autonomia infantil, revela-se essencial para transformar a sala de aula em um ambiente democrático no qual o “eu”, o “outro” e o “nós” se encontram e se respeitam. Além disso, o brincar se reafirma como espaço privilegiado para a construção da identidade e para a aprendizagem de regras sociais e cooperação.

Por fim, compreende-se que a inclusão na Educação Infantil deve ser entendida como um compromisso ético com todas as infâncias, garantindo que cada criança se sinta pertencente e reconhecida como membro ativo de uma coletividade diversa. O

fortalecimento da parceria entre escola e família e a visibilidade das produções infantis configuram-se como passos fundamentais para a construção de uma cultura de acolhimento que valoriza a pluralidade como elemento enriquecedor do processo educativo.

Referencias Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais e educação: construindo caminhos. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, Bruna Kelly da; LOURENÇO, Amanda Raquel Martins; VASCONCELOS, Tatiana Cristina. Desenvolvimento integral na infância: reflexões à luz da Pedagogia da Autonomia. In: PEREIRA, Márcia Helena de Melo; HAWI, Mona Mahamad; VASCONCELOS, Tatiana Cristina; SOUSA, Déborah Letícia Ferreira de (org.). Diálogos da Educação com Bakhtin, Freire e Vigotski. v. 4. São Paulo: Mentis Abertas, 2024. p. 113-122. DOI: <https://doi.org/10.47180/978-65-83023-01-8>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2010.

KONRATH, Raquel Dilly; SCHEMES, Cláudia. Identidade pessoal e social da criança: a importância dos brinquedos e das brincadeiras. Revista Conhecimento Online, Novo Hamburgo, RS, ano 11, v. 2, p. 44-56, 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. Braga: Universidade do Minho, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.